

O POVO DE BRAGA

JORNAL POLITICO, RELIGIOSO E LITTERARIO

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS

Redactores o Bacharel J. A. Gomes Pereira e J. Leite.

N.º 17

Preço d'assignatura
Anno 1\$500 rs., semestre 900 rs.
e trimestre a findar em 30 de junho 500 rs. Os artigos assignados são extranhos á redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Administrador do Jornal, O POVO DE BRAGA, Typographia Lealdade, Rua de Jano. Vende-se por 40 rs. em todos os Kiosques da cidade.

Preço dos annuncios

Por linha..... 20 rs.
Repetição..... 40 „
Comunicados 20 „

1880

EXPEDIENTE

Áquelles srs. a quem tomamos a liberdade de enviar o nosso jornal, e o não queiram receber, pedimos o obsequio de o devolver a esta redacção, para assim podermos regularizar os nossos trabalhos: caso o não façam, contal-os-hemos em o numero dos nossos assignantes.

BRAGA 29 DE JUNHO

Tem sido verdadeiramente uma comedia ridicula, o que esta cidade tem presenciado desde que o corpo docente do seminario de S. Pedro, teve a ingenuidade de vir em defeza do snr. Arcebispo Primaz com esse malfadado *protesto espontaneo*, que se não foi collaborado pelo proprio prelado, foi pelo menos visto e revisto por elle, antes de submettido á assignatura dos professores d'aquelle estabelecimento ecclesiastico.

Duplicam-se já as assignaturas, segundo nos dizem para fazer avultar o numero dos protestantes. Transcrevem-se adhesões frivolas e picarescas; organisam-se espectaculosas commissões; redigem-se inconscientes mensagens; emfim percorrem a estrada que conduz á quinta de Cabanas residencia habitual, deliciosa Capua de s. ex.^a rev.^{ma}, ensaiadas peregrinações, a depositar perante o prelado accusado, não demonstrações sinceras de maguas pelos seus desgostos nem provas irrefutaveis de sua inocencia; mas adulações baixas e ignobis, e discursos frivolos e banaes.

É tempo de acabar com semelhantes comedias sem merito nem moralidade.

Na alta posição que o snr. arcebispo de Braga occupa na hierarchia ecclesiastica, uma triplice muralha de irresponsabilidade, de inviolabilidade e de sagrado, o defende juncto da sociedade e perante os tribunales civis. Ao lado porém d'estas immuniidades, está tambem uma enorme responsabilidade perante a sua consciencia, e uma accusação tremenda escripta com letras de fogo, e pendente dos braços do crucifixo, que lhe deve decorar o seu gabinete, para a todos os momentos

lhe erguer deante dos olhos, os terriveis fantasmas da sua lamentavel e porventura criminosa administração.

Sr. Arcebispo Primaz, não intente v. ex.^a illudir por mais tempo os seus diocesanos.

Elles não se deixam enganar como v. ex.^a rev.^{ma}, com essas grosseiras mascaradas ensaiadas pelos seus defensores, com o unico fim de lhe occultar a verdade. Quem vê na presença de v. ex.^a rev.^{ma} humildes e submissos, como vassallos chinezes, homens, que horas antes e minutos depois do spectaculo, affirmam e confirmam a verdade das accusações feitas ao seu prelado, mal sabe dizer se merecem risos e gargalhadas estas scenas brulescas, se lamentos e compaixão o heroe de tão ridicula como ignobil comedia.

É o sr. arcebispo de Braga triste heroe d'essa comedia.

Ignora porventura v. ex.^a rev.^{ma} que algum d'esses peregrinos, que o vão acordar dos seus ocios, não tenha nas suas gavetas, mais do que um documento que o condemnam, como por exemplo um licença de proclamas, cuja taxa do signal s. ex.^a rev.^{ma} elevou a 500 reis? Engana-se.

Porventura ha ahí algum padre que não tenha ralhado de v. ex.^a rev.^{ma} por lhe exigir pela licença de benzer rozarios, escapularios, bentinhos etc. etc. a quantia de 130 reis?

Pois haverá ahí quem ignore que essas licenças eram em papel commum, e que v. ex.^a rev.^{ma} obriga ao pagamento de 60 reis a titulo de papel sellado? Não, Não e Não.

Pois ha n'este arcebispado algum secular ou clerigo que se não tenha rido estrepitosamente da candura, com que o sr. ministro da justiça explicou por erro de imprensa, aquelle crime, affirmando que os taes 60 reis eram para ser distribuidos pelo secretario da camara ecclesiastica, e pelo *chancellor* menor, empregado que v. ex.^a rev.^{ma} supprimira por falta de *authenticidade*, como tão solememente affirmou o *Commercio do Minho* no seu n.º 1060? (a)

Certamente.

Pois não sabem hoje todos os seus diocesanos, que v. ex.^a rev.^{ma} não tem sido possuidor legal do convento das Ursuli-

nas? Póde v. ex.^a conseguir que não sejam do dominio publico os projectos apresentados ao parlamento, para lhe ser concedido legalmente aquelle convento? Não, sem duvida.

E quem ha ahí que duvide um momento, que não foram inventariados os bens, as alfaias, moveis e mais objectos do convento das Ursulinas; sabendo que pelo ministerio da fazenda fóra ordenado ao digno delegado do thesouro d'este districto a confecção d'este documento?

Quem ha n'esta diocese que não falle em violencias, e em pressões: no arrecadamento do dinheiro dos pobres sem a devida applicação: em falta de caridade e de justiça; em avarezas condemnaveis; em orgulhos illegitimos; em deslealdades covardes: em ostracismos iniquos, e sobre tudo em obsecações pertinazes e affrontosas da opinião publica e da respeitabilidade do episcopado?!

Todos sr. D. João Chrysostomo, todos os diocesanos de v. ex.^a rev.^{ma} a principiar pelas poucas pessoas que o cercam, o affirmam e reprovam.

E uma situação tão excepcional póde sustentar-se sobre este terreno d'area movidiço e desligado, a que chamam por escarneos = Protesto espontaneo =?

Não o creia sr. arcebispo. A opinião publica uma vez estabelecida, só depois d'uma longa e provada reforma, modifica os seus conceitos: e, com pesar o dizemos, v. ex.^a não se corrige, e por isso não póde desviar de cima da sua cabeça essa torrente caudalosa, que de dia para dia o vai submergindo no profundo abysmo da condemnação publica.

Eis o resultado d'esse imprudente protesto. Nenhum dos inimigos de v. ex.^a rev.^{ma} era capaz de lhe aconselhar um procedimento tão inutil como perigoso.

Feche pois as portas do seu paço a esses especuladores da sua desgraça; não consinta mais procissões hypocritas, nem dê audiencias a esses torpes lisonjeiros, que se vangloriam, de não lhe dar alivio ás suas maguas, nem conforto ao seu desalento, mas de o indultarem com um *Bill d'indemnidade* tão ignominioso para qualquer homem, como impossivel para uma primaz das Hespanhas.

O DINHEIRO DOS POBRES

Lembramos ao sr. arcebispo primaz, a necessidade de distribuir peios pobres e em obras pias, os 40:000\$000 e tan-

(a) Vid Com. do M. n.º 1060 de 18 de Março de 1880 = 2.ª columna, no fim.

tos contos de reis que s. ex.^a rev.^{ma} tem em seu poder, provenientes das multas por dispensa de proclamas: e que, estando aferrolhados na gaveta de s. ex.^a, estão desviados do seu fim, porque nada aproveitam á humanidade.

É possível que alguém lucre com o deposito d'essa avultadissima quantia; mas o que é certo, é que o pobre, a viuva envergonhada, o orfão desvalido que são tão senhores d'esses quarenta e tantos contos de reis, como o sr. D. João é senhor do seu *brevariario*, esses estão morrendo á fome e á miseria, enquanto que o arcebispo de Braga se entretem a encartuchar aquelles milhares de libras!

Isto não póde assim continuar.

A pobreza de todo este arcebispado tem direito a ser soccorrida: e clama ao céo vingança o prival-a d'aquelles avultados soccorros, que a caridade publica lhe dispensa.

Entregue pois, sr. arcebispo, entregue aos pobres aquillo que lhes deve.

O «COMMERCIO DE PORTUGAL»

Em uma local com a epigraphe de—A reacção em Braga, a *fiel*—escreve o primoroso noticiaria d'aquelle magnifico jornal Lisbonense no seu n.º 298, o seguinte:—*Dizem-nos os jornaes, que foram demittidos o reitor do seminario de Braga e o vigario geral da diocese, dous cavalheiros muito considerados pelos seus talentos e honestidade. Para o lugar do seminario foi escolhido um padre lazariista. Estas demissões são obra d'aquelle preclarissimo e honesto varão—o arcebispo de Braga—que em pleno parlamento e em plena imprensa foi accusado das cousas mais indignas e mais aviltantes, tendo a covardia de se calar ante ellas, sem pedir uma syndicancia aos seus actos. Santo arcebispo e santo governo, que o protege, tão immoral e escandalosamente. Agora nós.*

É verdade que alguns jornaes annunciaram aquellas demissões, o que deu origem a estranhos commentarios em todos os circulos d'esta cidade, onde aquelles dous cavalheiros são conhecidos ha muitos annos, e geralmente estimados pelas nobilissimas qualidades que os distinguem.

Como se inventara porém semilhante noticia, e os fins que teve em vista o propalador d'ella, isso é por enquanto segredo inquisitorial.

Comtudo a referida local offerece-nos ensejo para algumas reflexões, e tambem para esclarecer-mos o illustrado noticiaria, a respeito da opinião em que devem ser tidos os homens que governam a diocese bracarense.

Antes de tudo diremos, que não nos surpreenderá as demissões prognosticadas. Basta os demissionarios serem pessoas dignas a todos os respeitos, para que o sr. arcebispo primaz, lhes seja desafecto. O illustre prelado não admite a seu lado, nem consente no exercicio de funcções ecclesiasticas, individuos que tenham simultaneamente honradez, sciencia, honestidade e independencia.

Diz elle, que estas qualidades lhe pertencem exclusivamente, e que não é decente primarem os subditos em dotes que lhes defumem o esplendor das suas virtudes. De mais a mais quem for independente, não póde ser um funcionario proveitoso ao regimen da Igreja; obediencia e independencia de caracter, diz s. ex.^a rev.^{ma}, são qualidades inconsiliaveis que não devem existir nos padres, para manterem sempre uma cousa que ultimamente inventaram os *Larragas* cá da terra, chamada *espirito ecclesiastico*. Isto são modos de ver lá do sr. arcebispo, com os quaes não nos devemos embaraçar.

Emquanto á substituição do reitor do seminario, por um padre Lazarista, temos que advertir ao estimavel noticiaria, que

por Deus não chame nomes ao beato Monsenhor Rebello de Menezes.

O sr. P. João Rebello Cardoso de Menezes não é, nem nunca foi Lazarista; isto é um insulto que s. ex.^a não merece. S. ex.^a o que é, e foi e ha de ser sempre, é Jesuita. Isto sim, agora Lazarista! *Vade retro Satanás*, é pouco orthodoxo e pouco edificante. *Sapit heresim*

E creia o illustrado localista que não será facil encontrar para reitor do seminario de Braga, um typo mais perfeito e accabado que o angelico paranympo do paço archiepiscopal, o Monsenhor Rebello de Menezes. Imagine-se um rosto espheoidal como um globo; areos oculos sobre um nariz delator de fidalga Stirpe; andar lepido como o da Gazella, e pé pequenino como o das crestadas filhas do celeste imperio, e digam-nos depois com franqueza, se um clerigo assim constituido, não gravita fora da sua natural esphera, a reitoria do seminario de Braga.—

Depois apar da estampa, e da vistosa encadernação que a illumina, tem o sr. Monsenhor Rebello de Menezes, dotes para exercer aquelle cargo, que não são muito vulgares no sexo ecclesiastico de Braga. Virtudes! são tantas e tão variadas, que é ponto assentado em Braga, que apenas s. rev.^{ma} deixar este val de lagrimas, rompe pelo céo dentro com tal furia e entusiasmo, que é muito para recear que o fure d'um lado ao outro, se não forem tomadas sérias providencias, para o segurarem pela cauda da sua roupeta de Mantellona.

Fazemos votos para que o espirito reformador do sr. D. João Chrysostomo, seja em breve inspirado, e se digue dar ao seminario um reitor como o sr. Monsenhor Rebello de Menezes.

Pois quem ha ahí que saiba educar com o tal *espirito ecclesiastico*, os jovens clerigos como este Monsenhor, que para estar em dia com as occorrencias do seminario, inventou o systema altamente moralizador da espionagem e da denuncia? Pois não será d'alta conveniencia para o sacerdocio e para a Igreja, que os jovens levitas se instruem bem nos mexericos e nas intrigas, na delação e na hypocrisia; e que lhes sejam substituidos o amor de classe e os laços d'uma fraternidade evangelica, pelos perfidos manejos d'uma espionagem refalsada e mercenaria? Certamente.

Só os amaldiçoados sectarios de Luthero ou Calvino ensinaram o contrario.

E que diremos nós, a respeito do modo verdadeiramente edificante com que este Monsenhor ha de excitar no animo dos alumnos do seminario, o santo e nobre amor filial, se elle proprio teve a singular coragem, e o inqualificavel valór de cantar a missa de corpo presente a sua respeitavel mãe!!

Só um filho como o sr. P. João Rebello tem o formidavel animo de enthoar sem vacillações uma missa, e pronunciar as ultimas e commoventes orações da Igreja, sobre o cadaver de sua virtuosa e santa mãe!!

Além d'isto digam-nos se haverá n'este arcebispado um sacerdote, que tenha como o Monsenhor Rebello, a nobre abnegação de dispender dinheiro em doces e vinho, como s. ex.^a já fez, para insurreccionar os seminaristas, contra o seu actual reitor, que é um cavalheiro affavel, honrado, intelligente e modesto.? Não, certamente.

O sr. P. João Rebello, se faltasse n'esta diocese, era preciso invental-o, ou prometter avultadas e cubiçosas alviças, a quem descubrisse uma celebridade tão completa, e a offerecesse de presente ao sr. D. João Chrysostomo, ou ao seu semipario. Basta por hoje.

Mais se nos offrecia a dizer sobre este assumpto, mas não queremos ser massadores, nem abusar da paciencia dos nossos leitores; se porém o illustrado noticiaria do *Commercio de Portugal* continuar a chamar nomes ao sr. P.º João Rebello, voltaremos á carga porque ainda temos muito que dizer.

Será bom que não brinque com os caracteres piedosos, e que já andam em cheiro de santidade. Tenha entendido.

Amabilidades do sr. arcebispo de Braga aos parochos da sua diocese.

Publicou o *Commercio do Minho* o costumado aranzel, = (que s. ex.^a rev.^{ma} usa sempre, que exerce algum acto da sua jurisdicção ordinaria), a respeito da proxima ordenação geral a que vai proceder.

Em um dos artigos do seu caricato projecto de lei, diz s. ex.^a rev.^{ma} que será rigoroso e severo contra os rev.^{os} parochos, que não satisfaçam até um certo dia, ás inquirições *de genere e de vita et moribus*, como lhes cumpre.

Muito agradavel nos será ver traduzida em factos, esta arrogante ameaça, porque é, no nosso entender, a unica moeda com que s. ex.^a rev.^{ma} póde dignamente pagar a estes seus coadjutores, a sua espontanea assignatura, n'esse memoravel protesto em que ss. rev.^{mas}, por uma condescendencia altamente criminosa, porque fóra profundamente hypocrita, lhes prestaram os seus nomes, para d'esta arte cobrirem com uma amnistia indecorosa as accusações que lhes foram feitas.

Fazemos votos para que s. ex.^a rev.^{ma} seja inexoravel, contra todos aquelles que o tem pretendido entrujar com adolações fementidas, e calculadas adhesões

A elles sr. Arcebispo! estenda-lhes sobre os hombros, a todo o comprimento o seu bacculo pastoral, para que saibam ao menos ser decentes e dignos, quando agitam o thuribulo dos ensensos avariados.

Deus ajude e dê forças, ao robusto braço do independente e reconhecido prelado.

O sr. P. João Rebello—batalhando em defeza da causa santa—contra o demonio em... pessoa.

Dos annuncios que o sr. P. João Rebello, fidalgo de costado e prelado de costelêta, —vice-reitor do seminario de S. Pedro e aspirante á commenda de S. Gregorio Magno... dos annuncios—dizemos—que anda fazendo pelas gazetas o dito senhor padre, inculcando o seu novo seminario.—concluem-se duas tristes cousas—a inepeia rematada, e a sabugice abjecta do annunciante.

N'uma proza copiada de barraqueiro de feira—que chama freguezes para lhe irem admirar lá dentro as habilidades dos macacos—exhibe o famoso vice-reitor uma enfiada de tolices que a gente ao lel-as, fica indeciso entre o riso e a compaixão.

Custaria a encontrar clerigo sertanejo que puzesse o nome por baixo d'aquillo.

Parecerá talvez severo o nosso juizo, mas será o leitor o juiz. Vamos copiar fielmente alguns periodos do aranzel.

O senhor monsenhor... começa assim a cousa: «O joven ordinando fóra do seminario não póde nunca conservar a vocação ecclesiastica e deve necessariamente perverter-se.»

O tom pedantesco com que se affirma absolutamente esta proposição, está pedindo quatro palmatoadas, se com ellas se conseguisse dar nova andadura ao... fidalgo.

Não entrando os ordinandos para dentro do seminario, não se salva a sociedade, diz elle, por que só um milagre poderá salvar o pobre joven na posição em que se encontra (fóra do seminario.)

De modo que todos os que se tem ordenado—vivendo fóra d'aquella santa casa, perverteram-se necessariamente, ou então á misericordia divina aprouve fazer tantos milagres, quantos são os sacerdotes virtuosos e intelligentes, que em tão damnadas circumstancias se ordenaram.

A anciedade de arranjar freguezes leva-o a escrever necedades d'este tamanho; e para ser completo na parvoice—revira os

olhos para a abobeda celeste, e arranca do mais fundo das innocentes entranhas uns suavissimos jubilos, porque *vê surgir um novo seminario ao impulso do venerando prelado, onde se poderão realisar todos os desejos, (os do sr. P. João), e sendo esta ideia tão santa não admira que tenha tido as mais graves contradicções.*

Ó senhor P. João Rebello — faz-nos favor de dizer quaes são as *graves contradicções* que o prelado tem encontrado, para mudar o seminario do campo da vinha para o Collegio?

Parece que o futuro condecorado de S. Gregorio Magno metteu a penna em mel para a passar pelos beiços do sr. arcebispo, — e expondo-o ás ferroadas das moscas, continua a besuntal-o d'este feitio: — *ávan-te illustre prelado, a causa é de Deus, não admira pois que o demonio faça tão crua guerra a obra tão santa, e que tende a arrancar-lhe das garras tantas almas.*

Fazendo justiça ao prelado — deve elle sentir nauseas, ao chegar-lhe o padre ao nariz d'estas baforadas de encenso avariado.

Que corações se não formarão á sombra de tão sisudo, independente, e illustrado vice-reitor!

Mas onde diabo está *esse demonio que faz tão crua guerra á causa santa?*

Será por acaso o sr. conde de Margaride quando sendo aqui governador civil, em *alvará especial* prohibia que a directoria do Asylo de D. Pedro V — d'aquelle santo asylo, onde as creancinhas a quem Deus tirou o amparo do pae, e as caricias da mãe, encontram pão, vestido e ensino — gastasse *um real* no convento da Penha, em quanto uma lei lh'o não dêsse?

Estará o *demonio* mettido por detraz dos oculos do sr. ministro da fazenda, que mandou ultimamente *inventariar* o que *houvesse* no extincto convento das Ursulinas, isto quando o proprio senhor... monsenhor se havia sujeitado a fazer d'empregado de fazenda, arrolando o que lhe deram para arrolar?

Andará o *demonio* occulto dentro da mitra primaz, fazendo-lhe cocegas na careca, e aconselhando-o a que — como senhor de Braga, salte fóra da lei que uns bisborrias fizeram no parlamento, e vá para diante firme e apumado como um frade de... pedra?

Terá o proprio senhor P. João — dentro de si sem o querer, ou debaixo da roupeta sem o sentir o tal *demonio*, inspirando-lhe adulações indignas d'um homem livre, e de-fezas capazes de levarem uns innocentes ás Costas da Africa?

Urge indagar onde se acolta o *demonio*, porque lhe havemos d'aparar a cauda, e abater os chavelhos. Conte conosco: porque onde falharem os exorcismos, temos a nossa bengala de canna da India; e nem Hercules contra dous, quanto mais o tal *demonio*, que nos está parecendo muito imbecil e muito pedaço d'asno.

Era o que faltava que n'esta terra onde governa a igreja o virtuoso João Chrysostomo, e onde pede freguezes para o novo seminario o independente João Rebello, levasse o *demonio* as Lampse; Lá se iam os creditos, da Roma... bracarense. Nada! Unamo-nos todos, porque é muito mais importante descobrir o *demonio* que *faz crua guerra á causa santa do... seminario*, do que conseguir que se complete a estrada de Chaves. E em cousas do ceu, quanto mais apertado fór o caminho, mais merecimento tem o caminhheiro que chega são e salvo.

Pois elle era melhor — ir para o céu pela estrada de Cabanas... pois não foste!

O illustrado vice-reitor pede aos reverendos parochos que *espalhem as ideias do seu pobre escripto*; por outra que lhe arran-jem freguezes para a sua vice-reitoria, onde elle *ensinará aos pobres jovens o habito das virtudes austeras, da mortificação e do sacrificio.*

Por consequencia quem quizer surtir-se de virtude austera, de mortificação e sacrificio, não tem mais do que ir para dentro do seminario.

Por emquanto o annunciante não se propõe a ir por casas particulares ensinar isso.

E' provavel que tambem ensine o modo porque os discipulos se possam revoltar

contra os mestres, — ainda que sejam padres e velhos — se é verdade que já mais d'uma vez capitaneou a rebellião contra o chefe do seminario, e depois contra um pobre velho professor a quem já Deus levou para si... tudo com o fim de salvar a sociedade.

Ah! senhor P. João — senhor P. João! olhe que vossa reverendissima parece que se vae transformando notavelmente.

Não o acreditamos, — mas ha de haver quem affirme que o seu sêr moral vae tomando proporções assustadoras! Estará a crescer-lhe o nariz, a accumular-se a remella, a reluzir a belida no olho, a alterar-se a cor-cova e a alastrar-se a sarna, tudo moralmente fallando? como fisicamente falla o capitulo XXXI do Levitico?

Se realmente ha enfermidade — *por dentro*, convem procurar-lhe o remedio. Não seja tudo farejar doenças alheias, para as curar; tenha tambem Faro para si, porque a caridade bem ordenada, começa por casa.

E quando tiver *mens sana in corpore sano*, nem adulará o senhor arcebispo com incensos que cheiram a basalicão, nem fará annuncios modelados no estylo chato dos merceeiros.

O sr. P. Manoel de Terras de Bouro.

Continua este rev.^{mo} massador, a embirrar conosco a respeito de cerimoniaes.

N'esta sua ultima carta vem s. rev.^{ma} mais feróz, que um hydrophobo, e investe conosco d'uma maneira insolita e desusada, chamando-nos ignorantes e estupidos por lhe havermos dito, que era possivel, que d'ora em diante houvesse no ritual da Igreja bracarense, *suffragios á Camões*; visto que não lhe sabiamos explicar, como era possivel suffragar as almas d'uns sujeitos com missa rezada, e *Te-Deum*.

Ora sr. P. Manoel, se attendesse um pouco mais, á resposta que lhe demos em nosso ultimo numero, escusava de nos vir importunar mais com semelhantes exquisitices.

Confessamos então, e repetimos hoje, que as subtilezas methaphisicas da sublime sciencia de cerimoniaes, só eram conhecidas n'esta cidade, pelo excelso e erudito monsenhor de Mantellona, e por outro notavel, cujo nome ignoramos: porisso recorra s. rev.^{ma} a qualquer d'estas celebridades, que facilmente obterá a resposta ás suas difficuldades.

Olhe P. Manoel, quem tem bôcca vai a Roma, e se v. rev.^{ma} quer leccionista de cerimoniaes barato, recorra ao intemerato P. João Rebello, vice-reitor do seminario, em quanto s. ex.^a é nosso, aliás ficará sem saber o que pretende.

O contrario de tudo isto, é perder tempo e dinheiro das estampilhas.

A TEIA DAS MISERIAS

(Continuado do n.º 9.)

Abundando nas ideias dos nossos collegas da *Palavra*, vamos hoje transcrever d'um jornal que se publica no Porto, uma carta — sobre a venda dos passaes dos parochos, e varias reflexões que a redacção do tal jornal, fez á mesma carta.

Cada vez nos convencemos mais da boa fé e muito zelô de verdade, que anima o catholico jornal a *Palavra*. O nosso collega da cidade da Virgem disse-nos ainda á pouco, em tom severo e comminatorio, o seguinte:

«*Não nos é inteiramente desconhecida a intrincada teia d'essas miserias que*

agora se manifestam em asquerosas exhalações, no intuito de Cenegrir a reputação e desprestigiari sacrilegamente o virtuoso Antistite Primaz.»

Ora esta é que é a verdade, logo que pôz os pés em Braga o sr. D. João Chrysostomo começou a urdir-se a teia.

Vejam os nossos leitores como tres mezes depois de aqui ter chegado s. ex.^a rev.^{ma}, o tal jornal do Porto do qual vamos copiar, com a devida venia, o seguinte artigo, vejam, como elle andava á cata de — «*informações vocaes identicas na essencia, ás do seu correspondente.*»

Era elle, o tal jornal que andava a urdir a teia!

E quem seria o tal correspondente, que assim se mostrava tão zeloso das cousas de Deus e da sua igreja?

Ah! que a resposta a esta pergunta é que talvez vá indicar o primeiro, o principal fio d'esta teia, não só de miserias, como lhe chama a *Palavra*, mas de — perfidas e fementidas amisades, de hypocritas e jesuiticas adulações!!

Os que adulavam no paço archiepiscopal eram os que censuravam e mor-diam o prelado, na redacção do Porto!

Mas o que escrevia, escondia a mão; e outro copiava e remetia para a redacção!

Este era candido na alma, e vestia talvez o corpo de negro crepe: aquelle tinha no coração os negrumes, e aspirava a cingir o corpo, com uma batina de differente côr!!

Mais poderiamos dizer ao nosso collega da *Palavra* mas... mas ahí vae a tal correspondencia.

A venda dos passaes

Recebemos d'um nosso assignante, Parocho, pessoa que julgamos respeitavel e de cuja exemplaridade temos as melhores informações, uma carta onde se lê o seguinte:

«Lamento a questão suscitada a respeito do sr. Arcebispo Coadjutor, e bem desejara que a accusação fosse feita em termos mais convenientes; mas não podem estas questões deixar de levantar-se, visto os nossos prelados estarem fazendo de cães mudos, quando lhes urge a mais vigorosa obrigação de fallar.

Estou convencido de que esta questão dos passaes e tambem outras questões não chegavam a tal estado, se os nossos Bispos houvessem tomado e continuassem a tomar a attitudo que lhes cumpria. Se quando se tractou da desamortisação dos passaes e mais bens da Igreja, os prelados portuguezes tivessem protestado, e convidado por meio d'uma carta pastoral os parochos a segui-los, estou certo de que nos não veriamos n'esta situação, porque ou o governo havia de attender a esses protestos, ou aliás teriamos uma perseguição religiosa que não podia deixar de produzir os mais salutareos resultados, pois a final o governo não venceria no conflicto, e sobrestaria em seu intento expoliador.

Quanto aos fieis, depois de bem instruidos e advertidos pelas auctorizadas vozes dos prelados sobre as penas comminadas pela Igreja aos compradores de bens ecclesiasticos, pouquissimos d'entre elles se resolveriam a comprar-os.

E que importava sermos perseguidos? Essa perseguição seria para nós, ministros de Christo uma gloria.

Nada poderão acaso em nós os exemplos dos prelados e sacerdotes d'outras nações?

E quaes foram os primeiros a dar o exemplo? Foram os Bispos. Procedessem os Bispos portuguezes como os d'outras nações, e os parochos com os demais sacerdotes os seguiriam, ao menos pela maior parte. Mas que? Estes vêem que aquelles se calam, e que, ás vezes, o que é bem

mais para lastimar, até os guiam erradamente.

Eu não consultei ainda o sr. arcebispo coadjutor ácerca do meu passal, pois este está lotado apenas em 5\$600 reis annuaes, e por isso não fui ainda nem serei talvez inquietado para a venda d'elle.

Conheço, porém, alguns parochos incapazes de mentir, que o consultaram por escripto, aos quaes ou nada respondeu ou os mandou consultar os theologos; e outros aos quaes em conversação disse poderem arrematal-os elles mesmos! Por isso, digam lá o que disserem, essas accusações teem todo o fundamento.

Pergunto agora: que hão de fazer os parochos n'esta coalisção entre a opinião do prelado e a doutrina da Igreja? A resposta é facilima: a difficuldade está na pratica.

Sei até que no tempo do prelado, que ultimamente saiu de Braga, foi exigido a um parochos no acto da collação, um juramento de estar pelas ordençs do governo em relação ao passal. *Proh pudor!*

Os defensores do sr. arcebispo querem por força que os parochos denunciarem o seu nome, mas deviam lembrar-se de que d'esse modo ficavam sujeitos ás iras d'aquelle, pois já consta que suspenderá os denunciantes sabendo quem elles são.

O unico meio de solver-se a questão era seguir o prelado o alvitre que VV. respeitadamente lhe indicaram, mas temo que o não faça.

Muitos desejos me hão assaltado de tomar a penna a fim de escrever alguma cousa a tal respeito, mas obstem a isso por um lado meus limitadissimos conhecimentos, e por outro o respeito ao superior acompanhado do receio de o indignar.

Peço, pois, a vv., por amor de Deus, que tomem esta questão á sua conta, insistindo n'ella quanto possam, porque fazem n'isso grande serviço á Religião.

Custa-me dizel-o, mas receio que o snr. Arcebispo não esclareça seus subditos sobre este momentoso assumpto, temendo mais a Cesar do que a Deus.

VV. não ignoram que o povo portuguez é na generalidade verdadeiramente catholico, e por certo concordam commigo em que, se houvera união entre o Clero alto e baixo, e um e outro dirigira os feis pelo verdadeiro caminho, nunca as coisas chegariam a este tristissimo estado, antes muito ao contrario floresceriam Portugal, Religião e a moralidade....

Essa carta, que nos dirige um Parochos do arcebispado, é infelizmente em quasi tudo o que contém, o echo do que geralmente por ahí dizem todos os catholicos. Sentimos dizel-o, mas a triste realidade pura e estreme é pensarem e fallarem como elle a immensa maioria dos catholicos de arcebispado e do paiz. Por isso e porque nós tambem assim pensamos, não pudemos recusar-lhe a publicação.

Não pede ella grandes commentarios, para os quaes além d'isso não temos tempo nem espaço; todavia julgamos a proposito fazer-lhe as seguintes breves observações:

1.^a—Pela nossa parte havemos cumprido nosso dever, e creia nosso correspondente que continuaremos a cumpril-o, defendendo n'este ponto os direitos da Igreja e dos catholicos portuguezes, sem acrimonia nem paixão contra ninguem, mas tambem sem criminosa subserviencia ou respeitos humanos para com pessoa alguma. Digam-se as coisas como devem dizer-se, respeitemos e veneremos o character sagrado e alta hierarchia d'um principe da Igreja, mas não obste isso a que não mostremos fortaleza em questões, nas quaes é prejudicial mal entendida timidez e prudencia. Quando se trate dos interesses da Igreja, devemos defendel-os contra quem for com isenção e desassombro.

Assim quanto aos passaes, vendam-se elles embora; acabe-se de expoliar a Igreja em Portugal; não faltará o nosso protesto, e esse protesto, ao menos mais tarde, estejam certos d'isso, ha de servir de alguma coisa, ainda que não seja senão para fazer cair a responsabilidade sobre aquelles a quem ella cabe toda. E isto entenda-se não só a respeito da venda dos passaes,

mas tambem ácerca d'outros assumptos. E não vale nada o stygma da historia? não vale nada a condemnação da posteridade?

2.^a—Outras pessoas nos teem dado vocalmente informações identicas na essencia ás do nosso correspondente, e todas concordam em que o exc.^{mo} e rev.^{mo} sr. arcebispo não tem procedido n'este particular como cumpria a um bispo catholico. O que diz, pois, quem escreveu aquella carta é-nos confirmado por outras pessoas. Fallam-nos de certos despachos e de certas palavras ou phrases proferidas por s. exc.^a rev.^{ma} em a conversação. Quanto aos despachos, não sabemos se todos foram lavrados por s. exc.^a rev.^{ma} ou se alguns o foram pelo sr. D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, o que tambem se nos diz com todos os visos de verdade.

3.^a—Todas as pessoas que n'este assumpto nos teem informado, pela maior parte ecclesiasticos, merecem-nos muita fé, algumas toda a fé. Pelo menos estamos plenamente convencidos de que todas pensam dizer simplesmente a verdade. Consta-nos, mas não podemos afirmar que seja verdade, que algum ou alguns, não todos, dos informadores da Nação são ecclesiasticos ha pouco merecidamente castigados por s. ex.^a rev.^{ma}, e por isso mais ou menos despeitados contra elle.

Mas, ainda que assim seja, que importa isso! O que se requer para o caso é que as testemunhas sejam uniformes e concordem no que affirmam e é verdade que o são. Pela nossa parte, podemos afirmar que d'entre nossos informadores nenhum tem razões particulares de queixa contra o snr. Arcebispo.

4.^o—É plenamente justificavel o facto de haverem occultado o seu nome os que tem denunciado á imprensa o proceder do snr. Arcebispo relativamente á venda dos passaes. Aquella razão que aponta nosso correspondente é de todo o peso, ou, ao menos, de muito peso. Mas, perguntamos nós, porque senão reunem meia duzia de Parochos e não assumem a si toda a responsabilidade saindo a campo de rosto descoberto? Que poderiam elles por esse motivo recear do snr. Arcebispo? Além de que não suppomos s. exc.^a rev.^{ma} capaz de vinganças mesquinhas e vis, alguns Parochos que se reúnem e conspiram todos n'este intuito, ficarão, quanto a nós, a cuberto d'esses temores. Teremos talvez oportunidade de indicar alguns meios de forçar os Prelados a esclarecer a consciencia dos feis sobre esta questão.

Suppunhamos que alguém haja de soffrer por este motivo; as coisas estão de modo que se não houver ninguem que com completa abnegação e com os olhos só em Deus se abalance ao que der e vier, não se faz nada. A lucta, a continua lucta é condição da Igreja, e a historia ecclesiastica não nos aponta nenhum triumpho da mesma Igreja que não fosse alcançado á força de muito luctar, a troco de muitos sacrificios.

5.^o—Em vista de tudo isto, o que nos lembra devermos fazer é dirigimo-nos de novo ao snr. Arcebispo e dizer-lhe com o mais profundo respeito, mas com liberdade christã:

«Senhor, fallae: dignae-vos esclarecer n'este ponto as consciencias de Vossos diocesanos. Bem sabeis que o que humilde e reverentemente Vos pedimos não é nada mais nem nada menos, do que o estricto e rigoroso cumprimento de Vosso dever. Se, porem, ou por não pensardes sobre a venda dos bens da Igreja como pensa a mesma Igreja, o que, por enquanto não queremos acreditar; ou, se, o que é mais crível e provavel, por temerdes a Cesar mais que a Deus, não Quereis fallar: então tende paciencia, Senhor, perdoae; mas permitti que Vos digamos que faltaes a uma obrigação sacratissima, e n'esse caso caia sobre Vós em todo o seu peso, primeiro o juizo de Vossos subditos catholicos, e depois o juizo inexoravel de Deus.»

É com profundissimo pezar que nos exprimimos assim; mas fallamos assim e fallamos aos quatro ventos, porque conhecemos ser essa em consciencia nossa obrigação; e, a fallarmos d'outro modo, melhor fóra que estivessemos calados.

Este assumpto não está exgotado, tenciamos voltar a elle.

(Palavra de 8 de julho de 1875.)

NOTICIARIO

Expediente

Em consequencia da abundancia de materia, não podemos hoje publicar a analyse ao protesto dos clerigos de Ponte do Lima, e a conclusão da carta de fr. Gaspar; o que faremos em o numero seguinte.

Concurso

Está aberto pelo espaço de trinta dias o concurso para o lugar de caudatario de s. Eminencia Monsenhor Cardoso de Menezes. Todo o minorista que se julgar habilitado para desempenhar aquelle cargo, apresentará na secretaria do mesmo Monsenhor os seus documentos, afim de serem convenientemente examinados. *Caeteris paribus* será preferido no despacho o minorista que mostrar mais apurado *espírito ecclesiastico*, e fór mais piedoso, e souber cantar *Tertia* á Camões.

O despacho valerá apenas por tres mezes, ou mais claro, até a proxima abertura do Seminario.

N'esta redacção se diz, onde ha pessoas habilitadas para leccionar os candidatos, nas commovedoras funcções de caudatarios dos Mantellonas.

ANNUNCIOS

Todas as esmolas, ou qualquer outro donativo offerecido a Nossa Senhora da Conceição do Sameiro, devem ser lançadas na caixa da mesma Senhora na Igreja do Populo, ou entregues ao Thesoureiro, o snr. Antonio José Vieira Machado, na Praça Municipal n.º 17.

O Presidente da Commissão,

Conselheiro Francisco Xavier de Sousa Torres e Almeida.

PANOS CRUS LIZOS, SARJADOS E ALGODÕES

Largo de N. Senhora A Branca n.º 4 e 5

BRAGA.

Manoel Bente de Carvalho tem o deposito da importante fabrica de fiação a vapor em Salgueiros, que vende por junto pelo preço da fabrica e respectivo desconto, havendo ainda o beneficio do carreto do Porto para esta cidade.

Tem um sortido completo de panos crus lizos e sarjados, principiando os preços d'aquelles em 1\$500 reis até 3\$450, a peça de 27^m.50.

A fabrica de fiação a vapor em Salgueiros é uma das mais bem montadas do Paiz e os seus productos rivalisam com os estrangeiros em preços e qualidades.

Este deposito tem a seu cargo o fornecimento para as seguintes localidades: Braga, Ponte do Lima, Ponte da Barca, Arcos de Val de Vez, Villa Nova de Famalicão, Barcellos e Povoia de Lanhoso. (2)

Este jornal está habilitado em conformidade com a lei

TYPOGRAPHIA LEALDADE.